



DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO PRIMÁRIA E POLÍTICAS DE SAÚDE  
DIVISÃO DE DOENÇAS DE CONDIÇÕES CRÔNICAS TRANSMISSÍVEIS E NÃO TRANSMISSÍVEIS  
SEÇÃO DE DOENÇAS DE CONDIÇÕES CRÔNICAS TRANSMISSÍVEIS

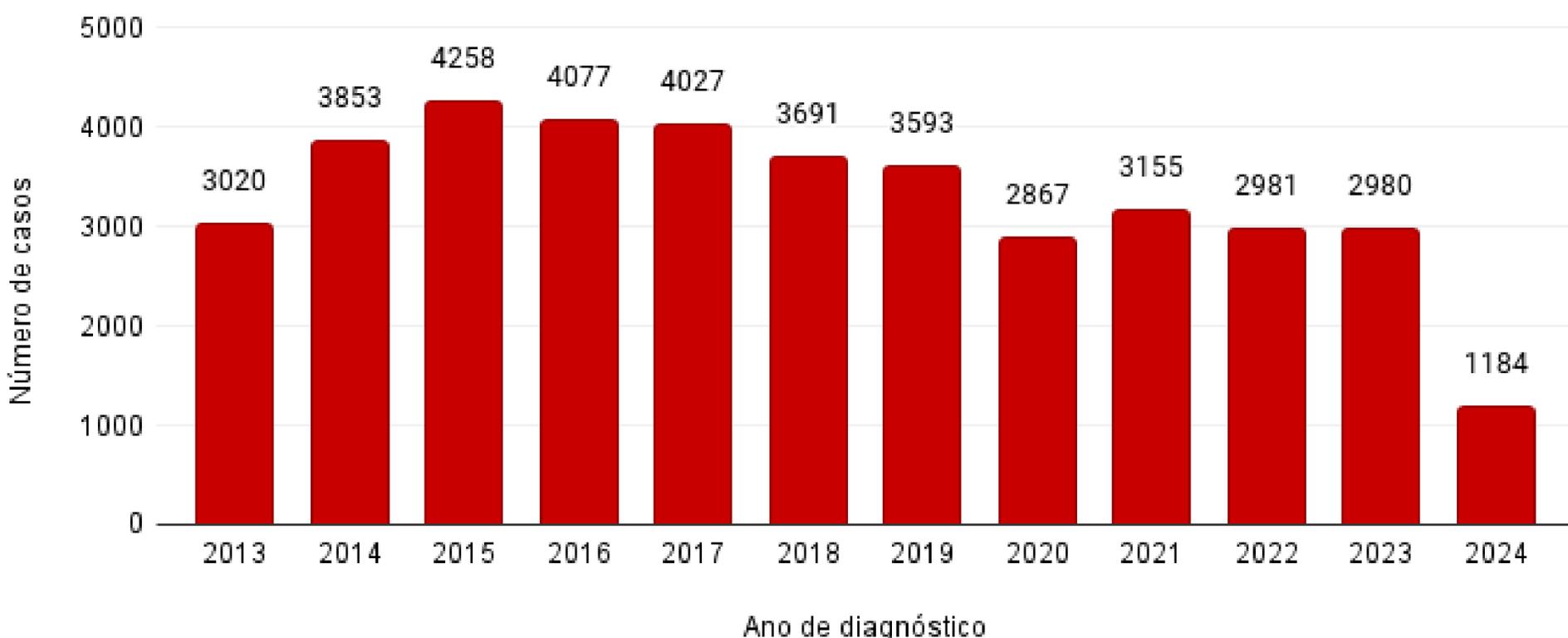
## Epidemia de HIV/Aids no Rio Grande do Sul

Este informativo epidemiológico apresenta um compilado de informações epidemiológicas sobre a epidemia de HIV/Aids no Rio Grande do Sul, abrangendo o período de 1980 até junho de 2024. Ele destaca, em especial, os dados mais recentes referentes ao ano de 2023 e ao primeiro semestre de 2024. Trata-se de uma versão resumida do Boletim Epidemiológico Estadual, atualmente em desenvolvimento.

### HIV na população em geral

Entre janeiro de 2013 e junho de 2024, o Rio Grande do Sul registrou 39.686 casos de infecção pelo HIV no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), o que corresponde a 45,24% do total de casos na Região Sul do Brasil no mesmo período (87.716). A análise da série histórica mostra uma tendência inicial de crescimento no número de casos até 2015. No entanto, esse aumento foi sucedido por uma queda significativa de 32,65% em 2020, marcando um período de retração. Posteriormente, em 2021, observou-se uma recuperação parcial, com os casos apresentando um incremento de 10% em relação ao ano anterior. Nos últimos cinco anos (2019-2023), o Estado apresenta uma média anual de 3.115 novos casos de HIV.

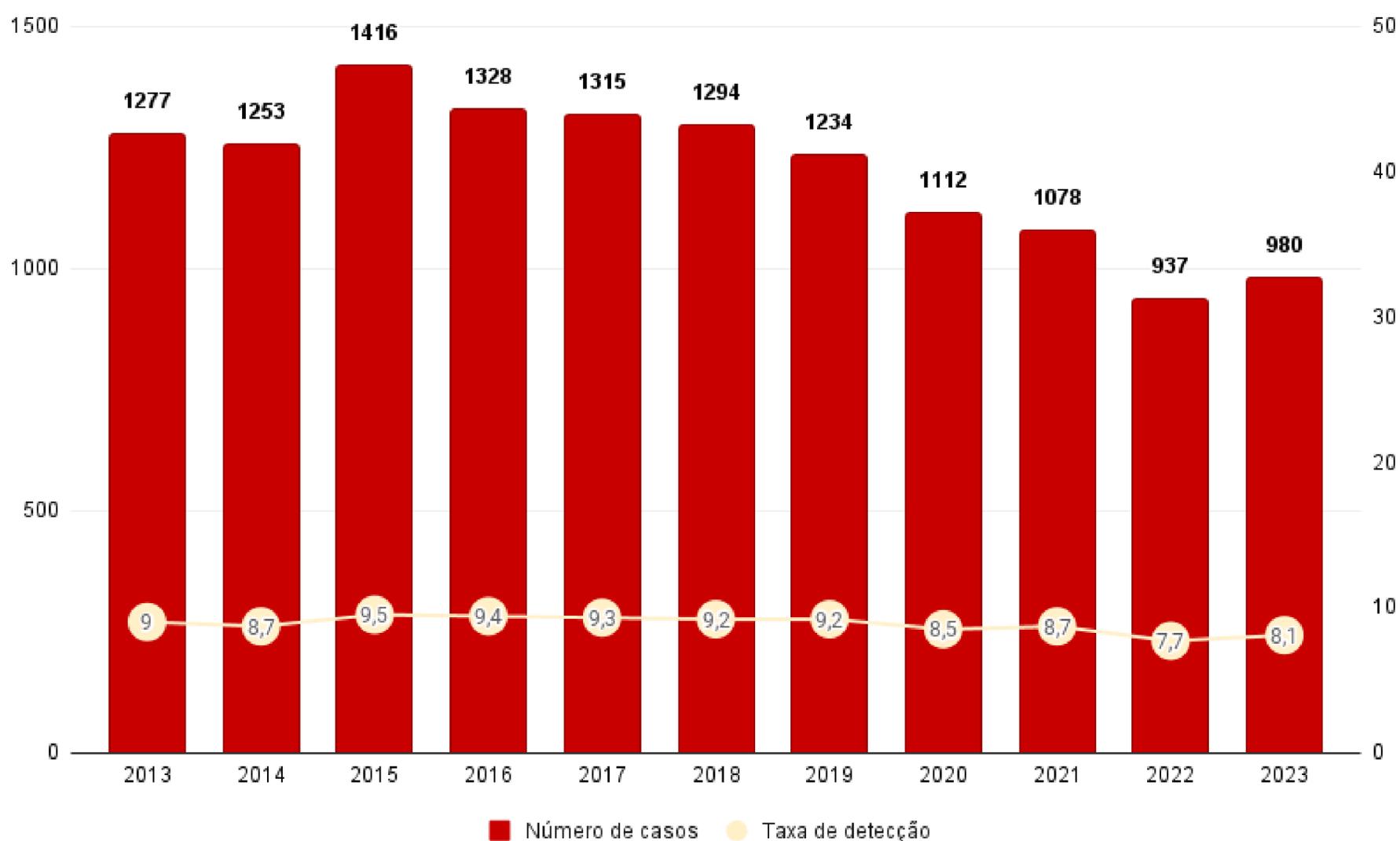
**Figura 01** - Número de casos de HIV conforme ano de diagnóstico. Rio Grande do Sul, 2013 a junho de 2024



## Gestantes infectadas pelo HIV

Em 2023, a taxa de detecção de HIV em gestantes no Rio Grande do Sul foi de 8,1 casos para cada 1.000 nascidos vivos. Com um crescimento de 5,19% em relação ao ano anterior, o estado continua liderando o ranking nacional, com uma taxa 2,4 vezes superior à média do Brasil (3,3/1.000 nascidos vivos). Em Porto Alegre, a taxa de detecção foi de 16,2 casos para cada 1.000 nascidos vivos, mantendo a cidade na 1ª posição entre as capitais com a maior taxa de detecção, ainda que com redução de 3%.

**Figura 02** - Gestantes infectadas pelo HIV (nº de casos e taxa de detecção por 1.000 nascidos vivos), segundo ano do parto. Rio Grande do Sul, 2013 a 2023



Fonte: MS/SVS/Departamento de Doenças Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis.

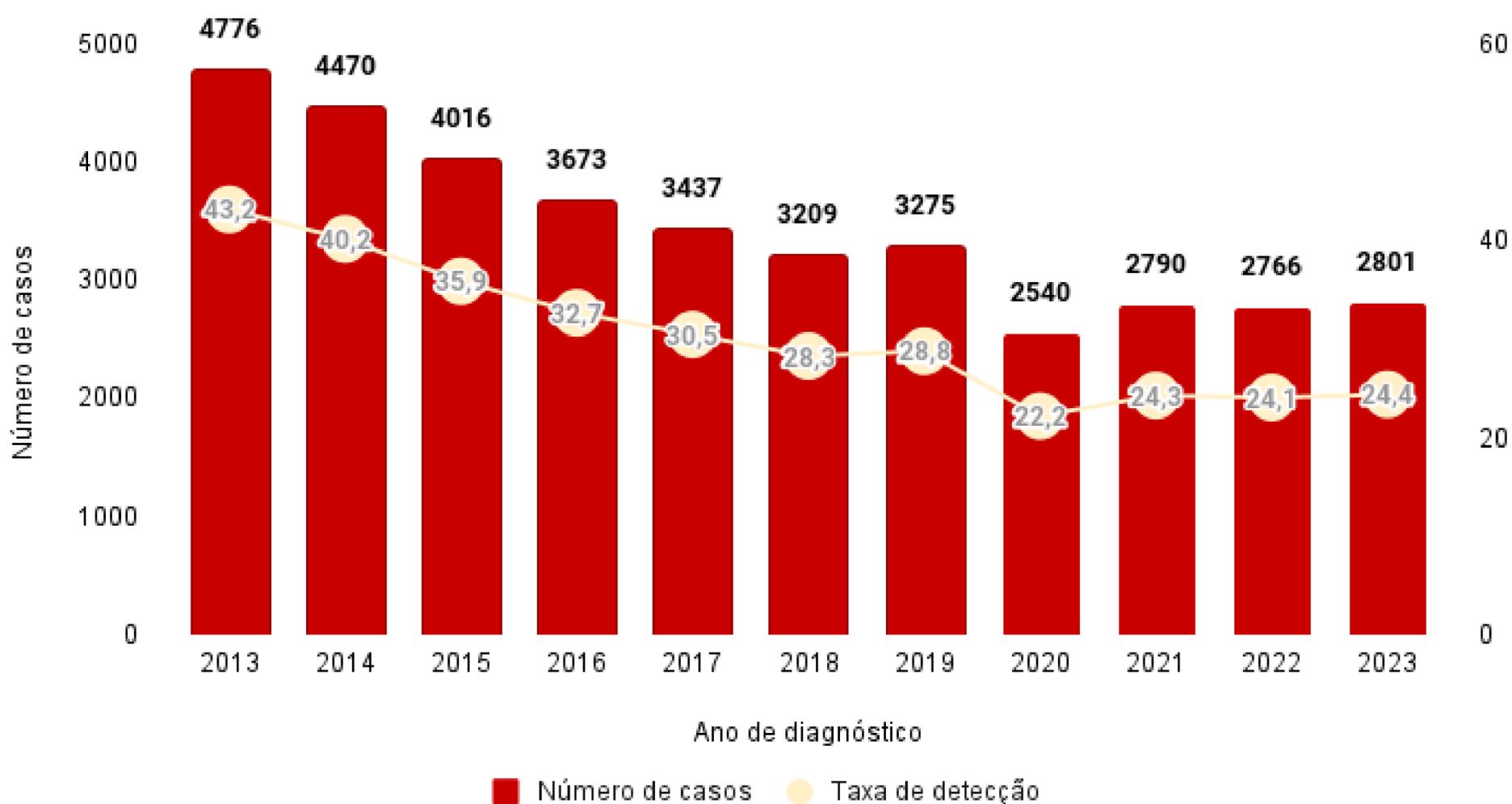
## Aids na população em geral

Em 2023 a taxa de detecção de Aids no Rio Grande do Sul foi de 24,4 casos por 100 mil habitantes, representando uma redução de 43,5% em comparação com 2013, quando essa taxa era de 43,2 casos por 100 mil habitantes. Desde 2014, a taxa vem apresentando queda contínua, alcançando o menor valor da série histórica em 2020 (22,2/100 mil habitantes). Em comparação com outras unidades da federação, o Rio Grande do Sul subiu uma posição no ranking dos estados com as maiores taxas, em função do aumento de 1,24%, ficando agora em 5º lugar (1º Roraima - 41,5; 2º Amazonas - 32,5, 3º Pará - 26,2; 4º Santa Catarina - 25,8 - 5º Rio Grande do Sul - 24,4).

O estado tem implementado ações contínuas com o objetivo de prevenir a transmissão do HIV/AIDS. Entre essas iniciativas, destacam-se a disponibilização da PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) e da PEP (Profilaxia Pós-Exposição), que são ferramentas essenciais na prevenção do HIV.

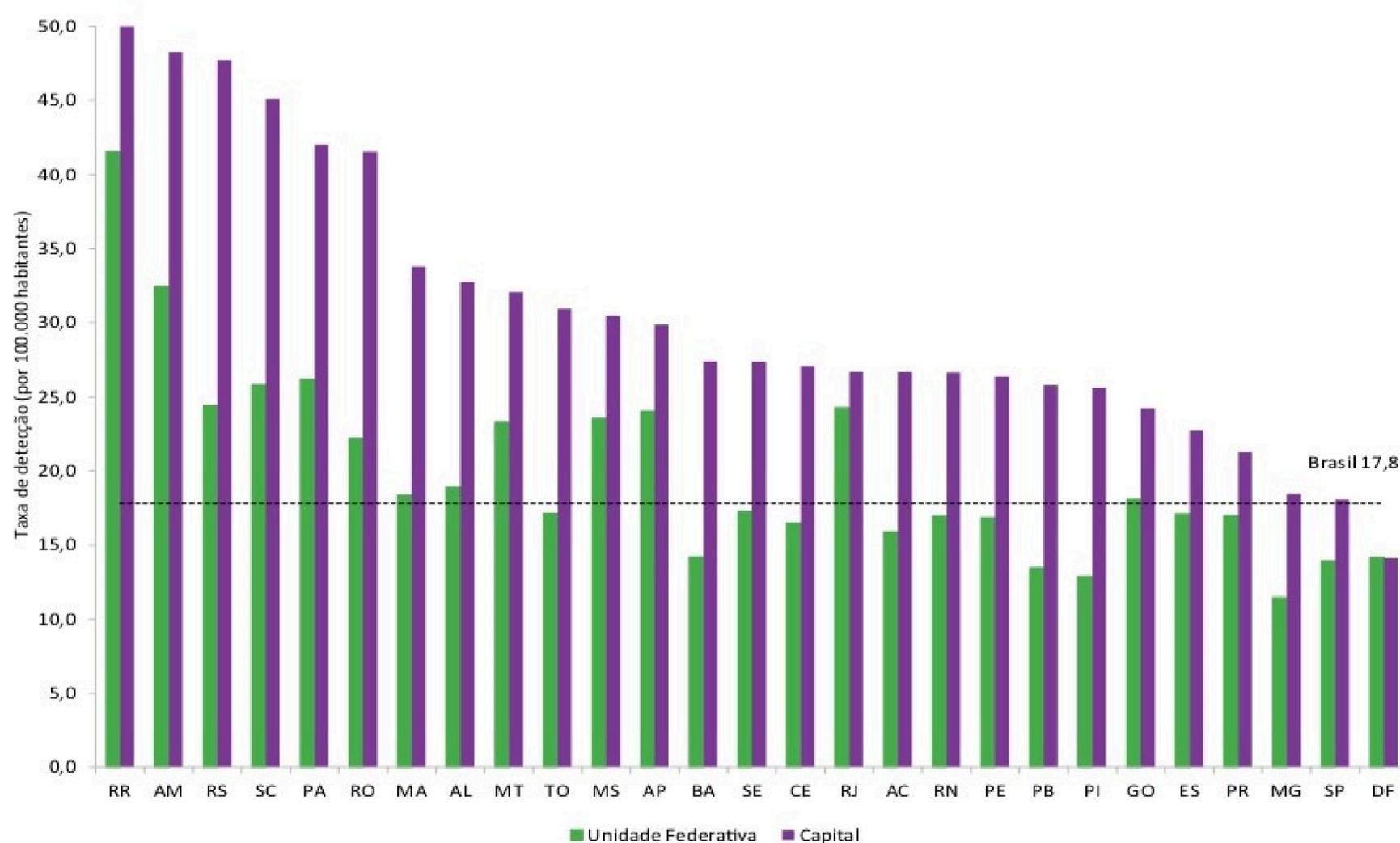
Além disso, há o incentivo à realização de comitês de mortalidade, com foco na análise e na melhoria da resposta à epidemia, e a oferta de capacitações periódicas para profissionais de saúde, buscando atualizá-los sobre as melhores práticas de atendimento. Outra estratégia importante é a promoção de testes rápidos de HIV, disponíveis de forma espontânea e sem necessidade de agendamento, facilitando o acesso da população ao diagnóstico e contribuindo para a detecção precoce do vírus. Essas ações integram um conjunto de medidas que buscam não apenas a prevenção, mas também o cuidado e o acompanhamento adequado das pessoas em todas as etapas do processo.

**Figura 03** - Número de casos de Aids e taxa de detecção (por 100.000 habitantes) conforme ano de diagnóstico. Rio Grande do Sul, 2013 a 2023



Fonte: MS/SVS/Departamento de Doenças Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis.

**Figura 04** -Taxa de detecção de aids (por 100.000 habitantes) segundo Unidade Federativa e capital de residência. Brasil, 2023.



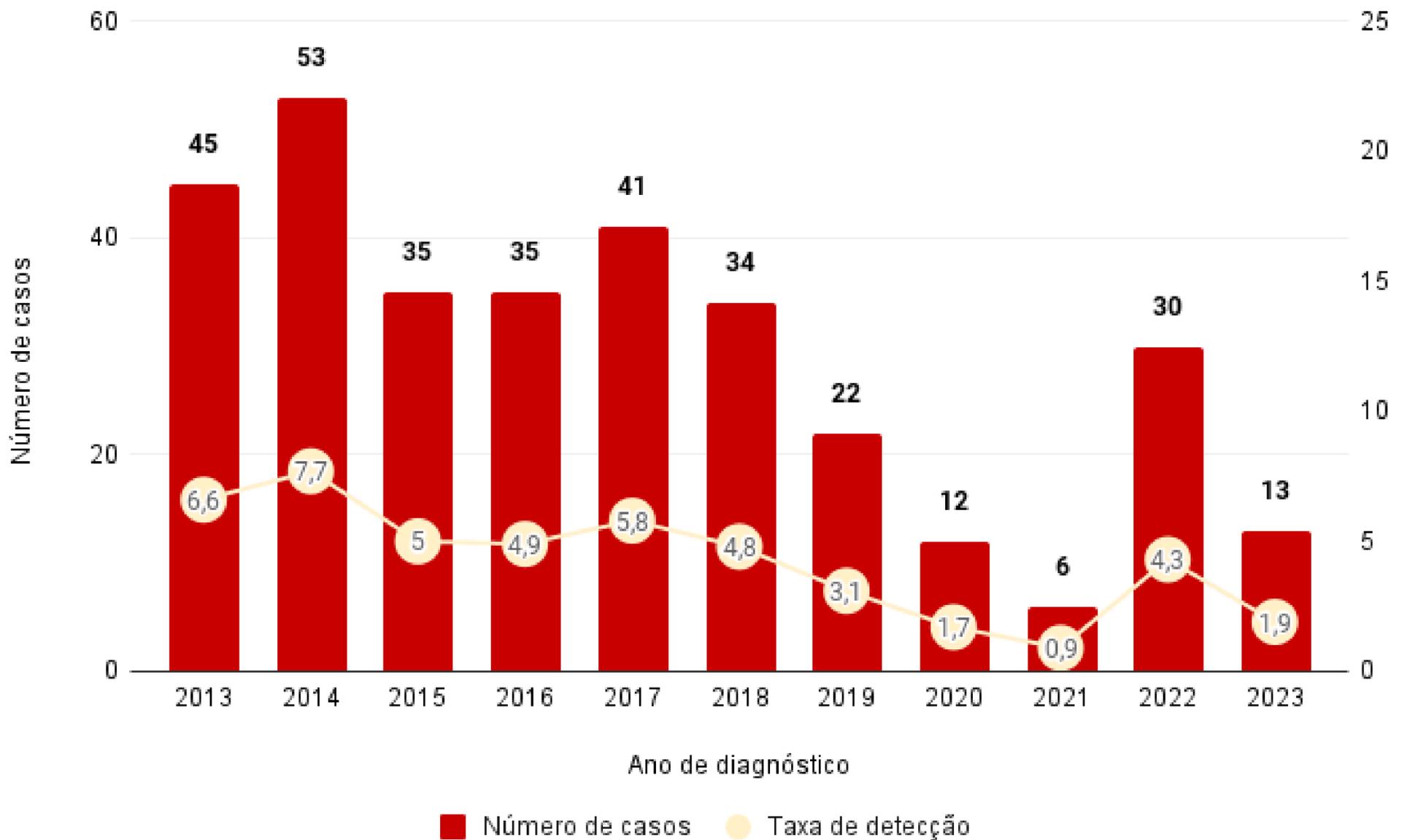
Fonte: Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis/SVSA/MS; IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (dados extraídos em outubro de 2024).

Nota: (1) Casos notificados no Sinan e Siscel/Siclom até 30/06/2024; no SIM, de 2000 a 2023.

## Aids em crianças menores de 5 anos

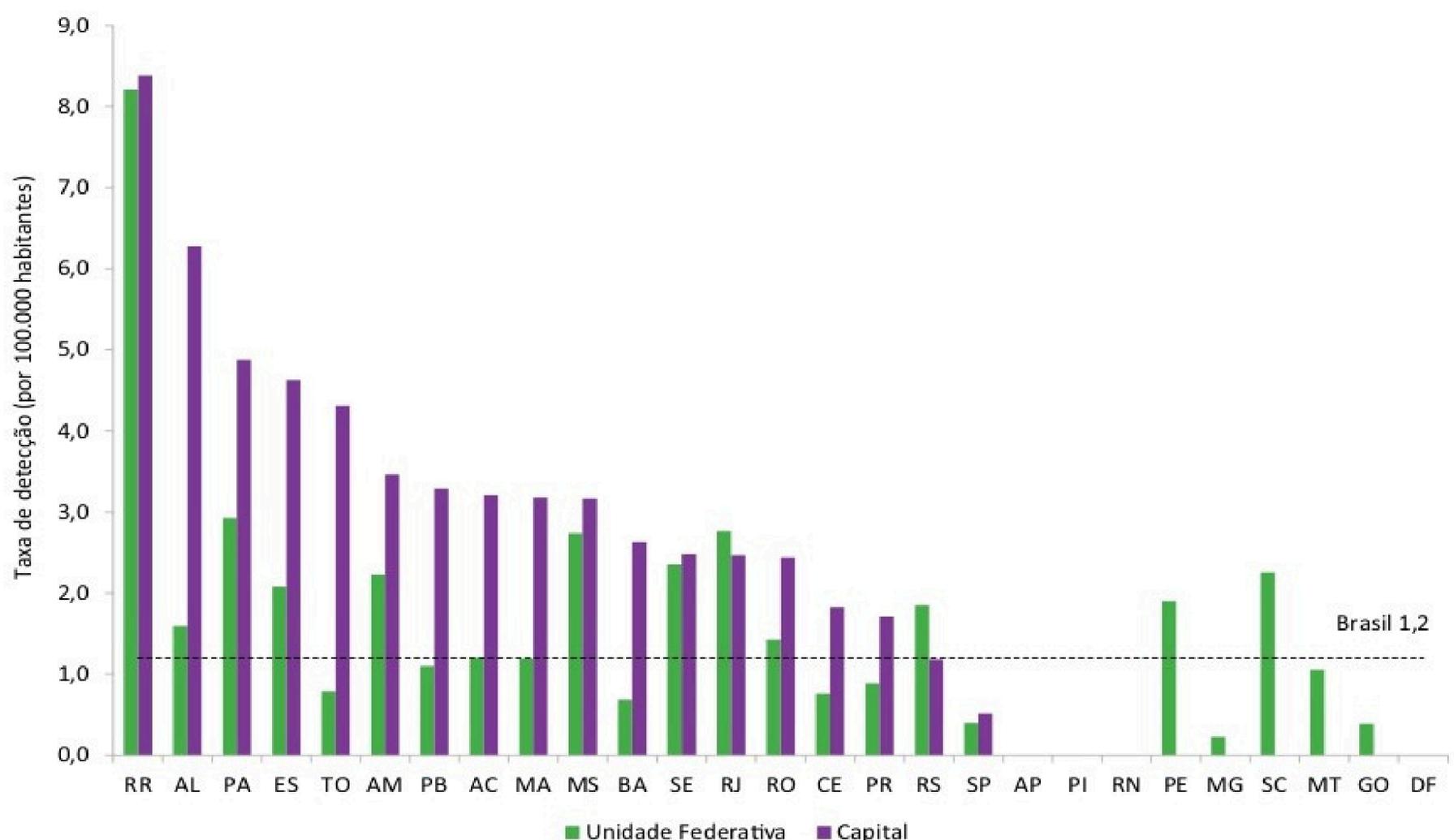
Entre 2013 e 2023, o Brasil registrou uma queda significativa na taxa de detecção de Aids em crianças com menos de 5 anos. No RS, em 2013, a taxa era de 6,6 casos por 100.000 habitantes, enquanto, em 2023, esse número caiu para 1,9 casos, o que representa uma redução de 71,2%. Esse declínio é um indicativo positivo, refletindo avanços nas políticas públicas de prevenção e no acompanhamento de gestantes soropositivas, além de destacar a relevância da recomendação contida na Nota Técnica Estadual 01/2024, que orienta a testagem para HIV em pais e parceiros nas maternidades, bem como a testagem durante o puerpério e o período de aleitamento materno.

**Figura 05** - Casos de aids (número e taxa de detecção por 100.000 hab.) em menores de 5 anos de idade. Rio Grande do Sul, 2012 a Junho de 2024.



Fonte: MS/SVS/Departamento de Doenças Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis.

**Figura 06** - Taxa de detecção de aids (por 100.000 habitantes) em menores de 5 anos, segundo Unidade Federativa e capital de residência. Brasil, 2023.



Fonte: Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis/SVSA/MS; IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (dados extraídos em outubro de 2024).

Nota: (1) Casos notificados no Sinan e Siscel/Siclom até 30/06/2024; no SIM, de 2000 a 2023.

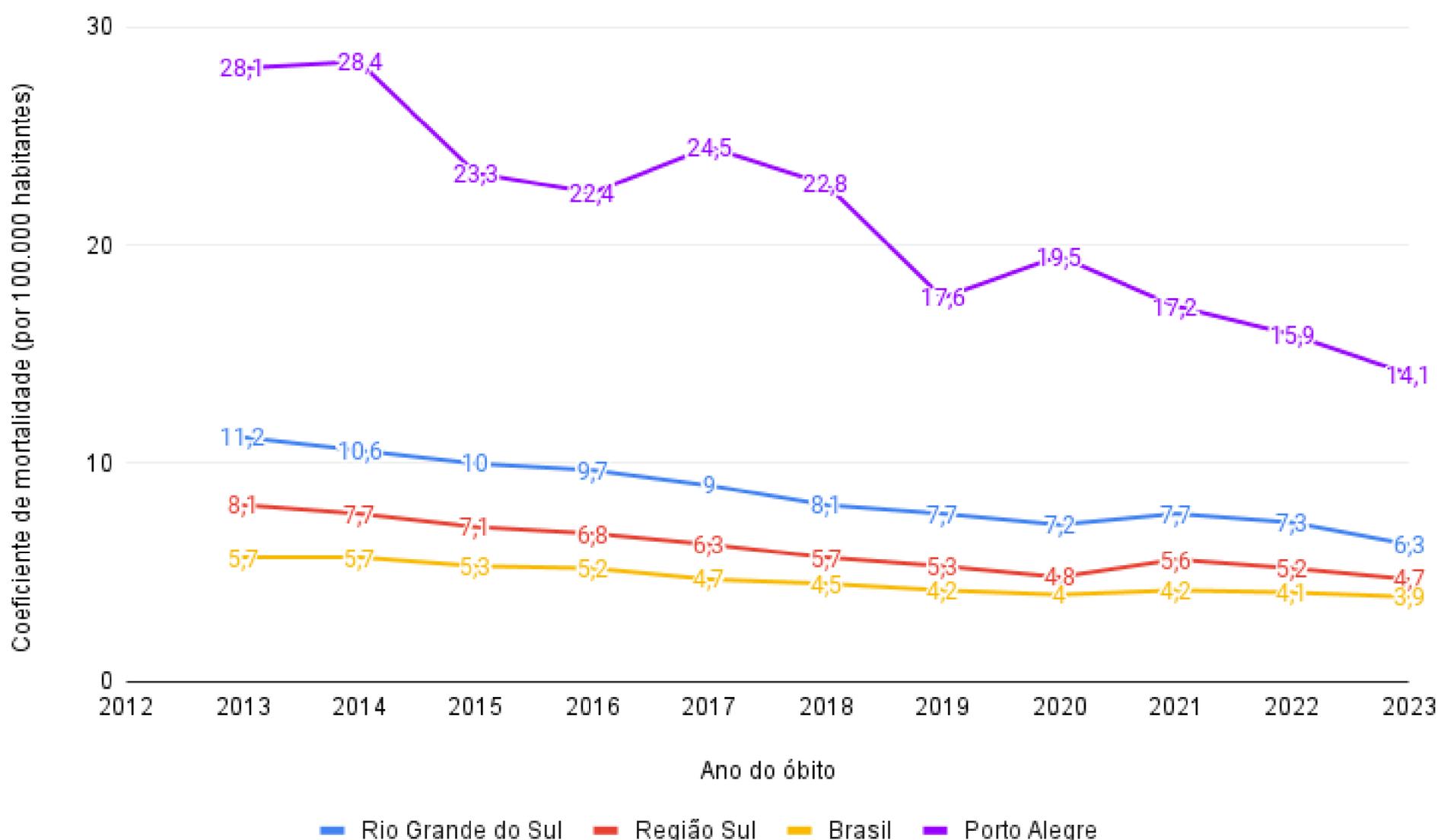
## Mortalidade por Aids

Entre 2013 e 2023, o Brasil observou uma redução no coeficiente de mortalidade padronizado por Aids, que passou de 5,7 óbitos para 3,9 óbitos por 100.000 habitantes, o que representa uma diminuição de 31,5%. Essa queda reflete o impacto positivo das políticas públicas de saúde e da ampliação do acesso ao tratamento antirretroviral, além do fortalecimento das estratégias de prevenção.

Na Região Sul, também houve uma diminuição no coeficiente de mortalidade, que caiu de 8,1 para 4,7 óbitos por 100.000 habitantes no mesmo período, seguindo a tendência nacional de redução. O estado do Rio Grande do Sul apresenta uma série histórica de mortalidade por Aids superior à média nacional. Em 2023, ao comparar os coeficientes de mortalidade entre os estados, o Rio Grande do Sul ocupou a 4ª posição com o maior índice, representando 6,3 óbitos por 100.000 habitantes. Destaca-se que em comparação com 2022 houve redução de 13,7%, quando o coeficiente era de 7,3.

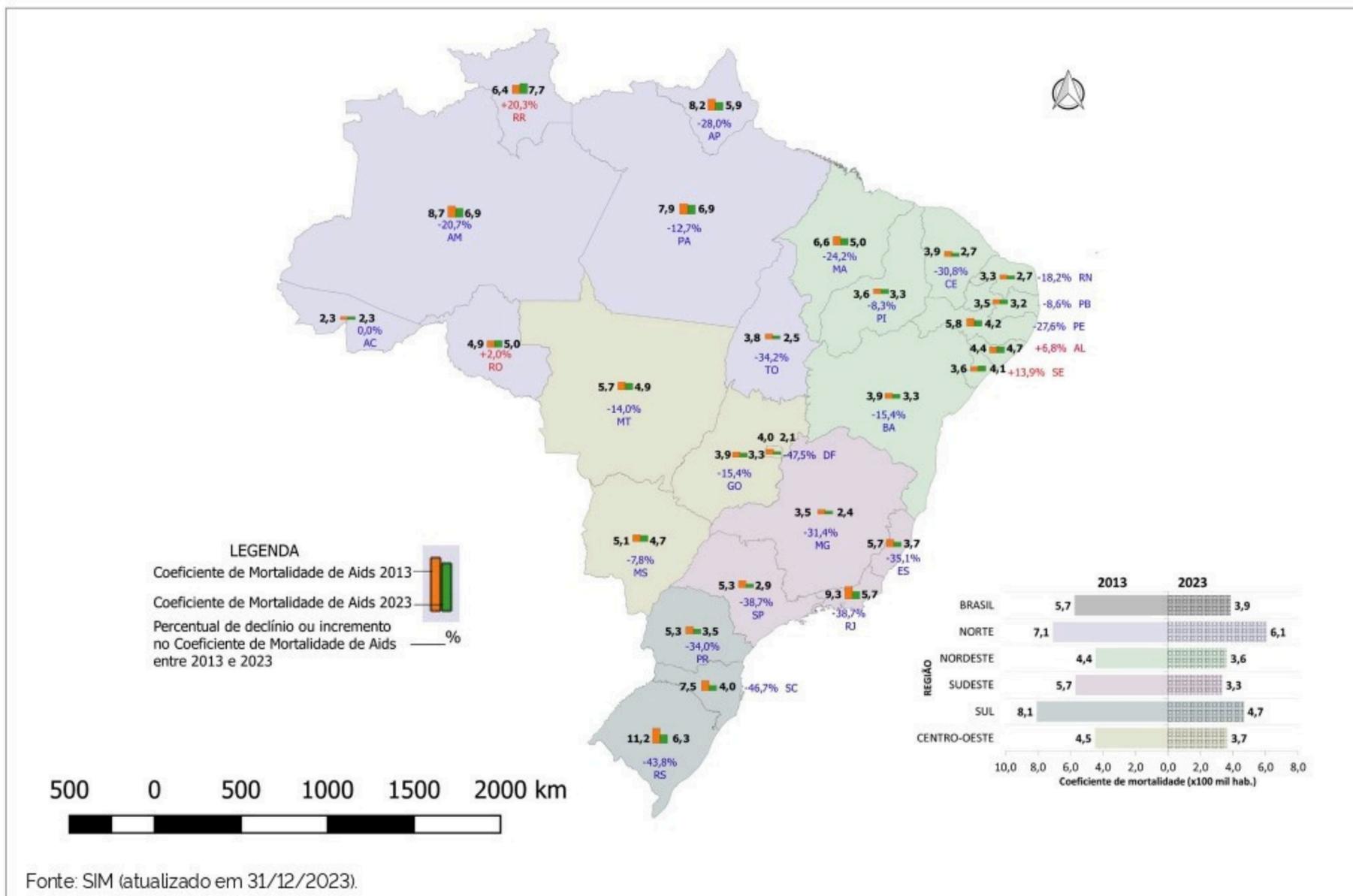
Em relação a capital gaúcha, houve redução de 11,3% na mortalidade entre 2022 (15,9) e 2023 com coeficiente de 14,1 por 100.000 habitantes. Porto Alegre continua enfrentando um desafio significativo, com maior coeficiente de mortalidade por Aids entre as capitais brasileiras, com valor quase quatro vezes superior à média nacional.

**Figura 07** - Coeficiente padronizado de mortalidade por Aids (por 100.000 hab.) por ano do óbito. Rio Grande do Sul e capital, 2013 a 2023



**Figura 08** - Coeficiente de mortalidade padronizado de aids (por 100.000 habitantes) e percentual de declínio ou incremento segundo Unidade Federativa de residência, por ano de diagnóstico. Brasil, 2023.

**FIGURA 19** Coeficiente de mortalidade padronizado de aids (por 100.000 hab.) e percentual de declínio ou incremento segundo Unidade Federativa de residência, por ano de diagnóstico. Brasil, 2013 e 2023



## Ranking por índice composto

O Ministério da Saúde do Brasil desenvolveu um índice composto para classificar os municípios em todo o país, a fim de monitorar e comparar a situação da AIDS em diferentes regiões. Esse índice é obtido a partir da combinação de diversos indicadores, que incluem: a taxa média de detecção de AIDS, a taxa média de mortalidade por AIDS, a taxa média de AIDS em crianças menores de 5 anos e a média da primeira contagem de CD4 dos últimos 5 anos. Esses critérios proporcionam uma avaliação abrangente da resposta local à epidemia e da qualidade do atendimento às pessoas vivendo com HIV/AIDS.

Dentro do ranking dos 100 municípios brasileiros com mais de 100.000 habitantes, que foram classificados de acordo com esse índice composto, entre 2019 a 2023, 13 municípios do Rio Grande do Sul estão presentes. Desses, seis municípios fazem parte do ranking de forma ininterrupta desde 2017.

## Ranking dos municípios

### 2019 a 2023

1° - Canoas  
2° - Porto Alegre  
5° - Alvorada  
12° - São Leopoldo  
9° - Santa Cruz do Sul  
25° - Rio Grande  
34° - Pelotas  
35° - Sapucaia do Sul  
40° - Novo Hamburgo  
44° - Viamão  
52° - Gravataí  
59° - Cachoeirinha  
60° - Santa Maria

### 2018 a 2022

1° - Porto Alegre  
2° - Alvorada  
4° - Canoas  
9° Rio Grande  
17° Gravataí  
19° Sapucaia do Sul  
22° Novo Hamburgo  
23° Viamão  
47° Santa Maria  
50° Pelotas  
74° Cachoeirinha  
90° Passo Fundo  
96° Uruguaiana

### 2017 a 2021

3° Rio Grande  
5° Porto Alegre  
7° Viamão  
9° São Leopoldo  
10° Alvorada  
12° Novo Hamburgo  
23° Canoas  
57° Santa Cruz do Sul  
60° Santa Maria  
63° Cachoeirinha

### 2016 a 2020

3° Porto Alegre  
4° Rio Grande  
5° Viamão  
10° Santa Maria  
11° São Leopoldo  
17° Novo Hamburgo  
19° Santa Cruz do Sul  
32° Canoas  
49° Alvorada  
67° Pelotas  
81° Bagé

Fonte: MS/SVS/Departamento de Doenças Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis.